



Mito em perspectiva: uma breve análise comparativa de Prometeu em Hesíodo e Ésquilo

Mara Cleia Barbosa de Farias Silvério¹ 

Dolores Puga² 

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma das formas mais eficazes de comunicação entre os seres humanos, especialmente porque é capaz de canalizar sentimentos, emoções e ideias que, fora dela, seriam de difícil apreensão (CALVINO, 1990). Antônio Cândido, sociólogo e crítico literário brasileiro, expõe em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006) uma descrição pormenorizada das funções da literatura e de como essa pode ser utilizada para a formação da sociedade, mas também do próprio indivíduo como ser único.

Nesse sentido, Cândido acredita que a literatura, especialmente a erudita, ou como mais conhecida atualmente, a clássica, é capaz de se ajustar a contextos variados, especialmente em razão da diversificação das palavras utilizadas (o que ele chama de “plurivalência da palavra”). Isso porque tal plurivalência permite “ao texto uma elasticidade” (CÂNDIDO, 2006, p. 60), fazendo com que o leitor, independentemente da época em que esteja situado, possa compreender a obra de maneira satisfatória.

Otto Maria Carpeaux, jornalista, ensaísta, crítico de arte e de literatura, apresenta a literatura grega, personificada em Homero, de maneira mais detalhada. Segundo Carpeaux em sua *História da Literatura Ocidental*, Homero era uma espécie de “autor inquestionável”, o qual deveria ser lido como inerrável. Nas palavras de Carpeaux:

A *Ilíada* e a *Odisséia* eram usadas, nas escolas gregas, como livros didáticos; *não da maneira como nós outros fazemos ler aos meninos algumas grandes obras de poesia para educar-lhes o gosto literário; mas sim da maneira como se aprende de cor um catecismo*. Para os antigos, Homero não era uma obra literária, leitura obrigatória dos estudantes e objeto de discussão crítica entre os homens de letras. Na Antiguidade também, assim como nos tempos modernos, Homero era indiscutido: mas não como epopeia, e sim como Bíblia. Era um Código. *Versos de Homero serviam para apoiar opiniões literárias, teses filosóficas, sentimentos religiosos, sentenças dos tribunais, moções políticas* (CARPEAUX, 2021, p. 39-40, grifo nosso).

Nesse viés, as informações trazidas por Carpêaux corroboram a visão de Antônio Cândido que afirma que a literatura, possuindo três funções principais (a total, a social e a ideológica), permeia a vida em sociedade, a vida interior do indivíduo e sua visão política-histórica-religiosa. No entanto, Carpêaux (2021) também traz luz sobre outra questão: o modo como o entendimento de alguns livros e autores clássicos foi sendo alterado no decurso dos anos. A crítica literária avançou e hodiernamente tais autores clássicos como Homero, Virgílio, Luis de Camões e tantos outros não apenas são lidos, mas profundamente estudados. Isso porque a visão de mundo desses escritores penetrou todos os aspectos do tecido social contemporâneo, mesmo as pessoas não percebendo.

Assim é que a jornada de Ulisses para retornar à sua casa pode fazer com que alguns leitores se identifiquem com ele e isso se manifestará de formas diferenciadas a depender de cada indivíduo. Por exemplo: uma pessoa que sai do Brasil em busca de uma vida melhor e não a encontra em outro país, empreende então esforços para retornar à sua pátria. De outro modo, uma pessoa religiosa pode entender o retorno de Ulisses para casa como uma relação espiritual da alma retornando para o Céu. Ou, ainda, uma pessoa pode entender os desafios enfrentados pelo herói como os desafios que enfrenta ao longo da vida até alcançar um determinado objetivo.

Fato é que hoje, diferentemente do que ocorria antigamente, as obras podem ser analisadas sob os mais diversos aspectos: sociológico, filosófico, literário, textual (considerando a gramática, por exemplo), religioso, espacial, e assim por diante. Assim, a leitura é um dos grandes pilares para a formação da imaginação no ser humano, uma etapa essencial (BÜHLER, 2020).

Este trabalho demonstrará como o entendimento acerca de um determinado conteúdo literário (como um mito) pode mudar, dependendo dos atores envolvidos e dos seus contextos sociais, econômicos, culturais e políticos.

A IMPORTÂNCIA DO MITO PARA A FORMAÇÃO DA IMAGINAÇÃO

A leitura é uma das mais importantes ferramentas para a formação de personalidade dos indivíduos, como já citado anteriormente, e, nesse sentido, vê-se a necessidade de salientar que pular a etapa de leitura de contos e de mitos implica pular a etapa formação da imaginação e isso traz consequências graves para a apreensão de conhecimentos essenciais para a vida em sociedade. Somente uma pessoa que passou pela etapa imaginativa é capaz de apreender, com mais acertabilidade, os dados concretos da realidade; isso porque toda a vida é permeada por símbolos o que faz com que o ser humano consiga lidar melhor com suas demandas cotidianas. Há exemplos diversos: logomarcas, placas indicativas (de trânsito, por exemplo), naciona-

lidade (bandeira de um país, seu hino, suas armas, brasão), entre outros. Isso ocorre porque os símbolos são caracterizados por refletir uma realidade concreta, mas de forma um tanto quanto abstrata. Assim, ao encararmos os heróis gregos, por exemplo, encontramos neles exemplos (símbolos) de força, coragem; mas também vemos seus erros, dúvidas, anseios e frustrações. Tudo isso é capaz de nos orientar em certo grau.

Nesse viés, Karl Bühler — filósofo, linguista, psicólogo e psiquiatra alemão —, em sua consagrada obra *Teoria da Linguagem* (2020), expõe que existem três tipos de *dêixis* (demonstrações) orientadas para a imaginação. Segundo ele, é possível que uma pessoa fique de três formas diferentes em relação ao objeto imaginado: 1. Parada, ficando onde ela está; 2. Deslocada, a pessoa “sai” de onde está; 3. “Aqui” e “lá” ao mesmo tempo, uma situação intermediária.

A fim de representar melhor sua teoria, Bühler apelida os deslocamentos de “A montanha vai até Maomé”, “Maomé vai até a montanha” e de “Caso intermediário”. No primeiro caso, a pessoa imagina um objeto e ele se concretiza no seu pensamento, na sua imaginação; assim é que pode ver um jarro de flor que está ausente, e pode movimentá-lo para qualquer cômodo de uma casa ou centralizá-lo em uma mesa, por exemplo. Embora, a pessoa esteja no mesmo lugar, o objeto se movimenta (em sua imaginação).

Já no segundo caso, é a pessoa quem se movimenta. Não que isso ocorra literalmente: é, como todos os demais casos, em relação à sua imaginação. Essa técnica é muito utilizada pela indústria cinematográfica e se refere à alteração rápida de cenários. Assistindo a um determinado filme (especialmente de gênero aventura) facilmente o telespectador é levado de um local ao outro. Isto é, por meio de um exercício imaginativo, o espectador pode, mesmo sentado em seu sofá, deslocar-se até outra galáxia. No terceiro e último caso, tanto o objeto continua onde está, como a pessoa, e, ainda assim, ambos se “encontram”. É como dizer que a pessoa está “aqui” enquanto o objeto está “lá” e com um único gesto eles se encontram; isso ocorre, por exemplo, quando o ministro religioso solicita a seus fiéis que imagem seus lares, apontem na direção deles para que orem o “abençoando”. A pessoa continua exatamente onde está e sua casa também; mas por meio desse ato simbólico, ambos se encontram.

Como conclusão do capítulo, e o que realmente interessa a este trabalho, Bühler (2020) afirma que por causa dessas situações imaginativas o ser humano tem a devida noção a respeito de onde está e de onde o objeto imaginado está; assim, independentemente da história contada (livros/jornais/revistas) ou apresentada (no caso dos filmes) ele tem a percepção correta quanto a ela ser real ou não.

Uma pessoa que não vivencia esse tipo de situação terá muitas dificuldades em compreender quando algo falado ou escrito condiz ou não com a

realidade. Na visão de Bühler (2020), isso se aplica perfeitamente à, por exemplo, leitura dos Contos de Fadas:

Um ouvinte/leitor, que ao menos tenha passado por seu período de contos de fadas e 'lá' tenha se exercitado previamente, tem a mesma facilidade com um como com outro. Olha para longe da sua posição de percepção real ou de uma posição imaginava com a mesma facilidade e discrição com que segue as instruções do pretérito e do futuro, por exemplo (BÜHLER, 2020, p. 192)

Assim, embora algumas pessoas possam menosprezar não só os Contos de Fadas, mas também os mitos, por entenderem que tratam-se apenas de “estórias infantis ou inventadas” destituídas de qualquer outra função que não entreter ou enganar, grandes teóricos da linguagem veem neles uma ferramenta mais do que útil, necessária, para a correta apreensão da linguagem.

Inclusive, quanto a esse último aspecto — afirmação de que os Contos de Fadas e os mitos enganam as pessoas por não se tratarem da realidade paupável —, Clive Staples Lewis, escritor e crítico literário irlandês, rebate: Uma fantasia confessa é o tipo preciso de literatura que não engana de jeito nenhum [...] O perigo de verdade se espreita em romances de aparência sóbria em que tudo parece ser muito provável, mas nos quais, na verdade, tudo foi planejado para transmitir algum ‘comentário sobre a vida’ de ordem social, ético, religioso ou antirreligioso. (LEWIS, 2019, p. 79).

Isto é, torna-se mais fácil ludibriar leitores desavisados valendo-se da justificativa de trazer um recorte da realidade, pois tal recorte pode vir mais embebido de visões reducionistas da realidade, do que de histórias que quaisquer pessoas percebem se tratar de mera ficção. mesmo pensamento pode ser aplicado à Mitologia Grega. Assim como a partir dos Contos de Fadas as pessoas podem acessar os estratos superiores do entendimento da linguagem (como Figuras de Expressão e de Pensamento), os Mitos podem fornecer arcabouço simbólico a fim de que tenham acesso à significação acerca do valor do sentido de sua vida pois, segundo Mircea Eliade (2019, p. 8), “as sociedades onde o mito é vivo no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, confere, por isso mesmo, significação e valor à existência”.

Os mitos são histórias que contêm representação quanto à vida prática, fornecendo modelos de conduta e também apontando aspectos gerais da condição humana, produzindo, assim, um vasto arcabouço cultural para aqueles que têm contato com eles. Além disso, as emoções vivenciadas pelo ouvinte (seja criança, seja adolescente) do Mito são capazes de sintetizar e, de certo modo, adiantar situações que poderão acontecer no futuro. Se ele não tiver esse arcabouço simbólico, isto é, esse repertório simbólico bem-formado, não poderá reconhecê-las na realidade concreta e se sentirá perdido. Obviamente, o indivíduo poderá tomar decisões acertadas mesmo assim, todavia com maior dificuldade.

O ser humano precisa de padrões, ou seja, de princípios ordenadores para solucionar seus problemas. Sem essa base, sente-se confuso e lhe falta sentido, uma vez que falta um ponto de convergência para o qual olhar e que irá direcioná-lo em busca da solução necessária. Os mitos podem fornecer esse padrão, essa base, esse alicerce. É válido ressaltar, ainda, que:

O Mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. (ELIADE, 2019, p. 23)

E ainda que “toda a vida da alma humana” seja “um movimento na penumbra” (PESSOA, 2021, p. 48), a partir das leituras dos Mitos é possível fazer com que essa penumbra seja suavizada, colocando luz sobre as etapas da vida de cada um, das mais simples, como uma mera escolha entre sair e ficar em casa, às mais complexas, como os dilemas éticos e morais que permeiam a vida do ser humano.

HESÍODO, ÉSKUÍLO E A VOLUBILIDADE DE INTERPRETAÇÕES

Hesíodo é um dos escritores cuja obra é vastamente conhecida, embora as pessoas não o mencionem. Isso porque foi o escritor que eternizou a “origem dos deuses”; falando, além disso, sobre suas batalhas, seus modos de vida e de pensar.

Apesar disso, sabemos muito pouco sobre a vida pessoal desse poeta. De acordo com Sueli Maria de Regino (2010), Hesíodo teria vivido no século VII a.C e era filho de um negociante de navegações e comércios; tendo seu pai falido, voltaram para a terra de seus familiares e começaram uma vida agropastoril. Quando seu pai faleceu, as terras que pertenciam à família foi alvo de disputa entre Hesíodo e seu irmão, Perses. Essa disputa, que alcançou o poder judiciário da época, é um dos temas centrais da obra *Trabalhos e Dias*.

Sabe-se, além disso, que ele viveu numa época bastante característica. A sociedade ainda não era letrada; mal possuindo escrita, desconhecia a organização das Cidades-Estados. No entanto, no século VII a.C a sociedade grega começou a passar por diversas e profundas mudanças. Embora a sociedade continuasse analfabeta, começou a receber influência da escrita de nações vizinhas; e a desenvolver um sistema monetário (REGINO, 2010, p. 10).

Apesar de enormes avanços no campo econômico e social, Hesíodo não teve um final de vida muito agradável. Isso porque, de acordo com Regino (2010, p. 10), Hesíodo teria sido, supostamente, assassinado por familiares de uma mulher que ele teria seduzido. Contudo, sua morte não foi capaz de encerrar sua grandiosa e importante obra que até hoje ecoa não só pela Grécia,

mas por todo o mundo. A tragédia grega reverbera até os dias atuais de forma que, ao encarar uma cena dramática as pessoas logo a correlacionam aos teatros produzidos na Grécia Antiga. Isso não é sem motivo; por muitos anos os gregos foram pioneiros e referência nisso.

Ésquilo é o primeiro trágico cuja obra foi mantida apesar do transcurso do tempo; bem como é o único tragediógrafo grego cuja biografia pode ser esboçada (DUARTE, 2013, p. 21). Ele despontava em um mundo que respirava transformações políticas, em Elêusis, um povoado próximo a Atenas, maior cidade Grega da época, em 525 a.C. De acordo com Duarte (2013, p. 21), ele foi testemunha ocular da derrocada da tirania na Grécia, bem como viveu o período das Guerras Médicas. Era, portanto, natural que esses assuntos fossem, de alguma forma, tratados em sua obra artístico-literária: o teatro, assim como Hesíodo fez. Isso porque, como já explorado aqui, a obra possui caráter ideológico, político e social.

Ao todo, são conhecidas 7 peças de Ésquilo com integridade, são elas: *Os Persas*; *Sete Contra Tebas*; *As Suplicantes*; *Oréstia* (trilogia composta por *Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumênides*) e *Prometeu Acorrentado*. Ainda segundo Duarte (2013, p. 21), embora tenham restado apenas essas sete peças completas, é atribuída a Ésquilo a produção de mais de 80 peças. Não era o tragediógrafo, contudo, apenas o escritor de suas tragédias, mas ator e diretor delas.

Ésquilo é apontado como precursor/introductor do drama na Grécia, por ter inserido o segundo ator numa peça — anteriormente a ele, apenas uma peça atuava em toda a peça. Também é atribuída a Ésquilo a criação da trilogia, hoje em dia tão querida por público das mais diversas idades.

PROMETEU: AS DUAS FACES DO TITÃ

Prometeu foi filho de Urano, o Jápeto, um dos 12 titãs. Ele tinha outros 3 irmãos: Atlas, Epimeteu e Menécio. Prometeu é adjetivado por Hesíodo como “artificial e astuto” (TEO., VII, 505-510). Seus demais irmãos também não passam despercebidos pela mitologia grega. Atlas foi punido por Zeus e condenado a sustentar os céus por tentar se rebelar contra o senhorio do lugar. Epimeteu, alcunhado de estúpido, carrega consigo o peso de ter trazido “males aos homens que se alimentam de pão”, e Menécio, chamado de ilustre, mas também de orgulhoso, presunçoso e arrogante, foi jogado do monte Érebo por Zeus, que o acertou com raios fumegante (TEO., VII, 510-515).

Prometeu, portanto, teve uma família bastante controversa e seu destino também não foi muito menos doloroso do que o de seus irmãos. Em suas duas famosas obras, *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*, Hesíodo conta que na época em que os homens estavam em conflito em Mecon (outro nome para Peloponeso),

Prometeu agiu com astúcia e irreverência para com Zeus, nitidamente afrontando a autoridade que este gozava.

Segundo Hesíodo, Prometeu teria oferecido um grande boi ao deus com a intenção de enganá-lo. Toda a narrativa acerca do mito de Prometeu é mantida em ambas as obras de Hesíodo. A respeito da oferenda do filho de Jápeto a Zeus, o autor revela:

Quando deuses e homens mortais disputavam em Mecona, Prometeu ofereceu um grande boi, que havia dividido com muito cuidado tentando enganar o espírito de Zeus. De um lado, sobre a pele, ele depôs as vísceras e as carnes gordas cobertas com o ventre do boi. De outro, com pérfido artifício, colocou os brancos ossos cobertos com a brilhante gordura (TRAB. DIAS., VII, 535-544).

Mas Zeus, segundo Hesíodo, conhecia os desígnios eternos e já estava ciente das intenções de Prometeu:

[...] ‘Filho de Jápeto, distinto dentre todos os demais, doce amigo, foi injusta tua divisão das partes!’ Assim lhe disse Zeus, com ironia, já que conhece os desígnios eternos. Prometeu, de mente tortuosa, respondeu com um leve sorriso, sem esquecer de seu pérfido ardil: ‘Zeus, o de maior glória e poder entre os deuses imortais! Dessas partes, escolhe aquela que, em tuas entranhas, anima o teu desejo’ (TRAB. DIAS., VII, 535-544).

Por isso, o deus, em seu íntimo, já previa os males que sobreviriam aos seres humanos:

[...] Em seu íntimo, previa os males que haveriam de se abater sobre os homens mortais. Com as duas mãos retirou a branca gordura e a cólera o dominou. O rancor alcançou suas entranhas quando viu escondidos por enganoso ardil, os ossos alvos do boi. E por isso, desde então, as tribos dos homens queimam ossos brancos para os imortais em incensados altares, Então, colérico, disse-lhe Zeus, o acumulador de nuvens: ‘Filho de Jápeto, hábil em artimanhas, doce amigo, que ainda não esqueceu a arte dos enganos!’ (TRAB. DIAS., VII, 550-560).

Hesíodo parece enfatizar o caráter enganador de Prometeu, e reforça o número de vezes em que ele enganou o deus dos deuses (TRAB. DIAS., VII, 565-570). Como punição para as atitudes de Prometeu, Zeus decide retirar dos homens um dos instrumentos mais valiosos para eles: o fogo. Na história das civilizações, é possível perceber quão essencial foi o papel desempenhado pelo fogo – aquecer as pessoas no frio; protegê-las de animais ferozes; cozinhar os alimentos; trazer claridade, etc. -, portanto, vê-se que a punição para a humanidade foi realmente terrível. Prometeu, então, rebela-se mais uma vez contra Zeus, dessa vez em benefício dos homens – provavelmente numa tentativa de tentar consertar o mal que fizera e cuja consequência recaíra sobre quem nada tinha feito, no caso, os homens.

Segundo Hesíodo, o filho de Jápeto teria roubado a chama de fogo e a escondido no oco de uma árvore; isso desencadeou um sentimento de revolta em Zeus, pois era uma clara ofensa a sua autoridade. Por isso, “para compensar o roubo do fogo, Zeus enviou um mal para os homens” (TRAB. DIAS., VII, 565-570). Pandora, a primeira mulher, criada a partir da junção de barro e água, teria sido a punição à humanidade em decorrência do roubo do fogo. Mais uma vez, por causa das más ações de Prometeu, os humanos, de modo geral, sofreram.

A mulher, neste caso, Pandora, simboliza todo o gênero feminino humano e é descrita por Hesíodo como “agregada a obras terríveis” (TEO., VII, 600-605) ou, simplesmente como aquela que “se ocupa em obras malévolas” (TRAB. DIAS., VII, 590-601). Não suficiente, o autor descreve o matrimônio como parte dessa punição. O castigo recebido exclusivamente por Prometeu está detalhado tanto na obra *Trabalhos e Dias*, quanto na obra *Teogonia*. Hesíodo começa a sua narração acerca da vida de Prometeu pelo final — contando que o titã foi acorrentado e teve suas entranhas devoradas todos os dias por uma grande ave. Hesíodo afirma, ainda, que Hércules³ teria sido o herói responsável por livrar Prometeu daquele martírio (TRAB. DIAS., VII, 521-534).

3 Hércules na mitologia grega e Hércules na mitologia romana.

Para Otto Maria Carpeaux (2021), Hesíodo tem grande relevância no cenário grego, pois evidencia a vida dos camponeses, o que é uma espécie de novidade, já que o autor mais proeminente (possivelmente) situado em seu tempo, Homero, falava de guerras e de reis. Hesíodo, portanto, inova trazendo a perspectiva da vida camponesa. Segundo Carpeaux (2021, p. 45), na obra de Hesíodo “não se trata de guerras, e sim de trabalhos, não de reis, e sim de camponeses; camponeses que se queixam da miséria e da opressão, e cujo ideal é a honestidade, cuja esperança é a justiça”.

Tais temas, que eram caros aos povos gregos, continuaram sendo expostos, como já dito aqui, não somente por meio dos mitos escritos, mas também das adaptações teatrais, feitas especialmente para os grandes espetáculos em homenagem ao deus Dionísio. Portanto, este trabalho estaria incompleto se não abarcasse as duas possibilidades de ação: a análise do mito, e a análise da sua adaptação para o teatro. A adaptação teatral escolhida foi a realizada por Ésquilo para o teatro grego. Essa adaptação data, aproximadamente, do século V a.C e foi denominada *Prometeu Acorrentado*. A escolha de uma peça teatral visa expor alterações que surgem no âmbito do teatro, se comparamos o mito com a peça, alterações que são frutos de uma dada época, de um dado contexto social, cultural, político e econômico. Como Ésquilo é posterior a Hesíodo, é importante trazer essas questões para que seja perceptível como os textos, mitos, e a própria linguagem se modificam com o passar dos séculos e com as alterações vivenciadas (e originadas) pela própria sociedade. Isso fica evidente quando os textos são comparados. Se, em Hesíodo, Prometeu é retratado como

irreverente, petulante e displicente, em Ésquilo, ele é tratado como aquele que teve grande compaixão pelos seres humanos.

Ésquilo dá a Prometeu uma nova roupagem, transformando-o em uma espécie de “mártir da humanidade”. Além disso, enquanto Hesíodo atribui ao Jápeto a paternidade de Prometeu, Ésquilo sequer a menciona; cita apenas a sua ascendência materna, a qual seria a deusa Têmis (DUARTE, 2013). Vale ressaltar que a peça *Prometeu Acorrentado* é de caráter bastante simples — mas não menos genial —, que não contempla peripécias, mas diálogos profundamente carregados política e ideologicamente. Nas falas dos personagens é possível perceber a irreverência de Ésquilo para com governantes tirânicos, os quais estão pré-figurados em Zeus onipotente.

Isso fica claro não somente pelas considerações e reclamações feitas pelo personagem central, Prometeu, mas pelos personagens que contracenam com ele, como, por exemplo, Oceano. Em um desses diálogos, o deus deixa claro: “— Pondera que se trata de um monarca rude, que não tem contas a prestar a seu poder” (PROM. ACOR., VIII, 430-435).

Tais diálogos profundos, como já dito, o são em caráter dos temas que evocam. Por exemplo, em certo momento da peça, um complexo problema moral é trazido à tona: o certo deve ser feito porque traz recompensas ou simplesmente porque é o certo? Esse questionamento é evocado por meio do Coro, um recurso utilizado para trazer comunicação dos personagens do teatro com o público; também é utilizado para dar mais dinamicidade à peça. Vejamos:

— Vamos, amigo! Vamos, Prometeu!
 Dize-nos logo: em que te favorecem
 os teus favores aos pobres mortais?
 Onde estão o socorro e o apoio que te trazem?
 (PROM. ACOR., VIII, 700-705).

Essa dicotomia entre as três obras (Teogonia; Trabalhos e Dias e Prometeu Acorrentado) é de fácil percepção. Hesíodo tinha uma visão acerca da constituição das leis, da autoridade e importância dos deuses para a ordem do universo, bem como acerca do papel dos próprios seres humanos nessa “relação”. Ésquilo, posterior ao tempo de Hesíodo, tendo vivenciado um contexto de bastante tirania, também tinha uma visão particular a respeito dos mesmos temas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, verifica-se quão natural é que tanto um autor quanto o outro utilizem de seus escritos, de suas obras, de sua produção artística para expor suas visões de mundo. Por isso, é impossível que uma obra não seja ideológica: ela está permeada de ideias do próprio autor a respeito da época

em que ele está vivendo; por isso a obra também não pode ser desvinculada dos aspectos políticos e sociais, pois, mesmo que indiretamente, refletem-nos.

Daí advém, também, a necessidade de olhar para as três obras com um olhar contextualizado, analisando a época em que cada autor está inserido e como isso impactou a sua produção artística-literária. É de suma importância, por fim, trazer essas questões para que os leitores e público geral percebam como os temas mudam a depender da época e dos contextos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Hesíodo, vivendo em um contexto agropastoril e numa época em que a sociedade grega passava por diversas mudanças não se manteve neutro durante esse período: sua obra, se não é um retrato fiel dessa sociedade, trata de nos deixar, pelo menos, um esboço dela. Ésquilo, da mesma forma, marcou sua escrita com as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que ocorriam à época e foi, ele próprio, como já visto ao longo deste trabalho, um grande precursor dessas mudanças.

REFERÊNCIAS

- BÜHLER, Karl. *Teoria da linguagem*. Trad.: Pablo Pinheiro da Costa. São Paulo: Cedet, 2020.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Vol 1. Campinas: Sétimo Selo, 2021.
- DUARTE, Adriane da Silva. Teatro Grego: o que saber para apreciar. In: ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPEDES; ARISTÓFANES. *O melhor do teatro grego*. Trad.: Mario da G. Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- ÉSQUILO. Prometeu Acorrentado. In: KURY, Mário da Gama (org.). *Teatro Grego*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad.: Henry Bugalho. Curitiba: Kotter editorial, 2020.
- HESÍODO. *Trabalhos e dias*. Trad.: Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Introd., trad., e notas: Alessandro Rolim de Moura. Curitiba, PR: Segesta, 2012.
- LEWIS, Clive Staples. *Um Experimento em Crítica Literária*. Trad.: Carlos Caldas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Penkhal, 2021

Mito em perspectiva: uma breve análise comparativa de Prometeu em Hesíodo e Ésquilo

Resumo

Os mitos pairam por nossa sociedade atual, ainda que as pessoas não reflitam sobre isso. Várias são as provas disso: quando alguém falece, logo vira “estrelinha”, por exemplo. Isso advém dos mitos antigos, segundo os quais grandes personalidades ascendiam aos céus e viravam estrelas ou cometas. Tendo isso em vista, este artigo tem por objetivo expor a relevância dos mitos para a sociedade e vai além: propõe-se a identificar como o mito é modificado a depender da época e do contexto social de quem o evoca. Para tanto, analisa o Mito de Prometeu sob duas perspectivas: a de Hesíodo, século VII a.C, e a de Ésquilo, no século V a.C. O trabalho estrutura-se em alguns tópicos: o primeiro, introdutório, propõe a apresentar conceitos gerais como o de mito e lembrar a importância da leitura e da literatura nas sociedades. Os próximos, propõem-se a demonstrar como as interpretações quanto a um mesmo mito podem mudar de um contexto social-histórico para outro. Nesse sentido, a pesquisa demonstra que o modo como os escritores observam as instituições, quer sejam políticas, quer sejam religiosas, influencia diretamente naquilo que escrevem e apresentam ao mundo.

Palavras-chave: Mitologia, Prometeu, Hesíodo, Ésquilo.

Myth in perspective: a brief comparative analysis of Prometheus in Hesiod and Aeschylus

Abstract

Myths hover around our current society, even though people ignore them. Several proofs of this can be offered: when someone passes away, they soon become a “little star,” for example. This comes from ancient myths, according to which great personalities ascended to the heavens and became stars or comets. With this in mind, this study aims to show the relevance of myths for society and to identify how myths change depending on the time and social context of those who evoke it. For this, it analyzes the Myth of Prometheus based on two perspectives: that of Hesiod in the 7th century BCE and that of Aeschylus, in the 5th century BCE. This study is structured into a few topics: the first, an introduction, offers general concepts such as myth and stresses the importance of reading and literature in societies. The following ones propose to show how interpretations of the same myth can change from one social-historical context to another. Thus, its final considerations section shows that the way writers observe political or religious institutions directly influences what they write and offer to the world.

Keywords: Mythology, Prometheus, Hesiod, Aeschylus.

Recebido: 23 de Dezembro de 2024

Aprovado: 16 de Agosto de 2024
